

LEITURA CRÍTICA DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ALFONSINA STORNI
CRITICAL READING OF ALFONSINA STORNI LITERARY PRODUCTION

Nildiceia Aparecida Rocha¹

RESUMO: Este trabalho apresenta a trajetória traçada pela Crítica Literária sobre a produção poética de Alfonsina Storni, escritora argentina de início do século XX. A primeira produção literária de Alfonsina Storni, denominada modernista ou *tardorromântica* (SARLO, 1988), é a produzida no período de 1916 a 1925; a partir de *Ocre*, 1926, ela marca uma ruptura, confirmada em seus últimos dois livros de poesia, *Mundo de siete pozos* (1935) y *Mascarilla y Trébol* (1938), com marcas de vanguardismo e novas experiências estéticas, como o *antisoneto*. Com relação à Crítica construída em relação a obra poética de Alfonsina Storni pelos seus contemporâneos, temos três posturas de leitura: aproximações críticas e biográficas, propostas de leituras dos críticos e poetas vinculados à Vanguarda Argentina e certos textos críticos realizados por mulheres junto ao meio acadêmico. De acordo com Salomone (2006), a crítica realizada pela terceira tendência marca outro ponto de referência constitutiva da escritura de Alfonsina Storni, evidenciam tensões e posições que se distanciam da crítica hegemônica. A posteriori, há a configuração de uma Literatura Feminina, junto a uma crítica normativa, a qual vai considerar a produção escritural produzida por mulheres como produzida por um sujeito biológico mulher, e que representa uma textualidade com certas características naturalizadas como próprias à mulher. Hoje, à luz da Crítica Feminista e das contribuições da Análise de Discurso, principalmente sobre os conceitos e as articulações entre linguagem e poder, a leitura crítica da produção feminina, constituída por textos de escritoras mulheres desde meados do século XIX, é focalizada como fruto de uma perspectiva ideológica tipicamente androcêntrica e patriarcal, por exemplo, em poemas de Alfonsina Storni. De acordo com Alicia Salomone (2006), a partir dos anos 80 do século passado, o olhar sobre a produção literária de escritoras latino-americanas terá outro enfoque, o que ela denomina “crítica atual: crítica feminista e modernidade cultural”.

Palavras-chave: Crítica Literária; Alfonsina Storni; Produção literária.

ABSTRACT: This paper presents the trajectory traced by the Literary Criticism on the poetry of Alfonsina Storni, an Argentine writer of the early twentieth century. The first literary production of Alfonsina Storni, called modernist or *tardorromântica* (SARLO, 1988), is produced in the period 1916-1925; from *Ocre* (1926), she marks a break, confirmed in their last two books of poetry, *Mundo de siete Pozos* (1935) and *Mascarilla y Trébol* (1938), with the label of vanguardism and new aesthetic experiences such as *antisoneto*. Regarding the Criticism built over the poetic work of Alfonsina Storni by his contemporaries, we have three positions of reading: approaches biographical criticism and proposals for readings of critics and poets linked to Vanguard

¹ Professor Assistente Doutor no Departamento de Letras Modernas (área de Espanhol) na FCLAr / UNESP, SP, Brasil. nildirocha@fclar.unesp.br

Argentina and made some critical texts by women from the middle academic. According to Salomone (2006), the criticism made by third trend marks another landmark of the constitutive deed of Alfonsina Storni, show tensions and positions that differ from the hegemonic critical. Subsequently, there is setting up a Women's Literature, along with a normative critique, which will consider the production book produced by women as produced by a subject biological woman, and that represents certain textuality with naturalized features peculiar to women. Today, in light of the Critical Feminist and contributions of Discourse Analysis, especially on the concepts and the connections between language and power, a critical reading of the production female, consists of texts of women writers since the mid-nineteenth century, is focused as a result of an ideological perspective and typically androcentric patriarchal, for example, on poems by Alfonsina Storni. According to Alice Salomone (2006), from the 80s of last century, the look on the production literary Latin American writers has another approach, which she calls "critical current: feminist criticism and modernity cultural".

Keywords: Critical Reading; Alfonsina Storni; Literary production.

*Pobre de mí que habré de ver
Mil soles más amanecer*

.....
¿Y para qué? ¿Y para qué?
Si moriré...
(STORNI, 1999, p. 133)ⁱ

As primeiras décadas do século XX registram entre as diversas produções literárias o grande impulso discursivo literário de textos realizados por mulheres hispano-americanas, dentre as quais Alfonsina Storni será ponto de referência e modelo a ser seguido por escritoras e mulheres tanto de sua época como de outras vindouras.

Alfonsina Storni pertence a uma época intermediária, esteticamente, entre o modernismo e a vanguarda hispano-americana. Esse momento não traz apenas inovações, mas também captura, em meio a rejeições, muito do que o modernismo considerava turbulência criadora da vanguarda poética. Nesse fato histórico, cresce qualitativa e quantitativamente o discurso feminino, com a certeza de que a mulher, além de guardadora, que cuida da casa e da prole, é indivíduo público e pensante. Não é estranho, então, que a denominada voz feminina seja tão representativa a partir da década de 10 do século XX, e que, na primeira fila, destaque-se, como iniciadora na poesia, Alfonsina Storni, junto a Delmira Agustini, Juana de Ibarbourou, Gabriela Mistral, Eugenia Vaz Ferreira, Dulce María Loynaz, nos países hispano-americanos.

Considerada fundadora pela crítica, Alfonsina remodela a colocação da voz feminina, a qual se ocultava antes entre escritoras barrocas, no século XVII, como objeto

delicado que em poucos momentos se objetiva a si mesmo como sujeito problematizado. Este é o caso singular da precursora da escrita feminina na América Latina, Sórora Juana Inéz de la Cruz, no México.

As vozes das escritoras mulheres durante muito tempo estiveram silenciadas ou mesmo apagadas, pois o cânone literário cabia a voz masculina. Inclusive na época de Alfonsina Storni, a crítica literária, por exemplo, de Luis María Jordán (1919), irá considerar a literatura realizada por mulheres como sendo momentos de entretenimento e não a possibilidade de um lugar de reflexão do social, da luta por um espaço público para a mulher, e também lugar de discussão sobre a questão de gênero.

ALFONSINA STORNI: UMA ESCRITORA EM BUENOS AIRES

Em 1912, Alfonsina Storni (1892-1938) chega à capital argentina, Buenos Aires, uma pequena figura de cabeleira loira e olhos azul-celeste, ainda menina e já grávida de alguns meses, solteira, *maestra de provincia*ⁱⁱ e com um projeto muito ambicioso: “viver” de compor versos, ou seja, da literatura. Transita desde sua chegada nos círculos intelectuais vinculados à revista *Nosotros*, e estabelece laços com Delfina Bunge, Manuel Gálvez, Roberto Giusti, Carolina Muzzilli e com o grupo dirigido por Horacio Quiroga. Participa das *peñas*ⁱⁱⁱ no Café Tortoni, onde canta tangos e declama poesias. Assim, integra-se rapidamente ao ambiente intelectual da época, é reconhecida como escritora graças a seus relacionamentos e se destaca como provocadora, por certos gestos. Também é comprometida politicamente com socialistas e algumas organizações feministas da época.

Alicia Salomone (2006, p.37) enquadra Alfonsina Storni como mais um sujeito intelectual novo, pela sua origem social, de classe média e estrangeira, e também pelo seu compromisso com a criação literária, com o qual buscará um espaço próprio na nova conjuntura. Portanto, Storni

[...] irá definiendo una serie de afinidades y ciertas tomas de posición literarias y estéticas con las que se identifica sucesivamente; las que tienen que ver, por una parte, con las opciones que ofrece un campo literario que transita desde el modernismo y postmodernismo a las vanguardias, y, por otra parte, con una cierta política de escritura que ella adopta, en la que el posicionamiento crítico de la hablante frente al contexto sociocultural en que se inscribe su discurso se revela crucial.^{iv}

No domínio da Literatura, Storni publica seus primeiros poemas em 1911, em duas revistas literárias de Rosario – Argentina: *Monos y Monadas* e *Mundo Rosarino*. Como a própria escritora relata: *a los 12, escribo mi primer verso*^v (apud, SALOMONE, 2006, p.46).

Alfonsina publicou sete livros de poesia^{vi}, um livro de poema em prosa^{vii} e outro classificado como prosa, *Cinco caras y una golondrina* (Buenos Aires: *Instituto Amigos del Libro Argentino*, 1959), publicado postumamente. Storni tem também uma vasta produção jornalística de ensaios e crônicas, entre outros, compilados em sua obra completa pela editora Losada em 1999, sob a organização de Delfina Muschietti. Além disso, escreveu produções teatrais: em 1927 *El amo del mundo* e em 1931 publicou *Dos farsas pirotécnicas*, que incluíam *Cimbelina en 1900 y pico* e *Polixena y la cenicienta*. Foi uma escritora mais (re)conhecida em sua geração por sua denominada “poesia de amor”, contraditoriamente também é a mais apreciada e desprezada, *poetiza de los tristes destinos*^{viii} (MENDEZ, 2004, p. 16).

Alfonsina Storni é reconhecida no mundo hispânico como poeta mais do que como ensaísta ou prosista. Não obstante sua produção em jornais e revistas, com artigos e ensaios mais vinculados a uma postura feminista, seu teatro e a única prosa são mais numerosos do que o que produziu em forma de poema. A própria escritora fazia-se conhecer e ser reconhecida como poeta, pois, para ela, o gênero narrativo era considerado “objeto de trabalho” e os poemas, “razão de viver”:

Así
Hice el libro así:
Gimiendo, llorando, soñando, ay de mí.^{ix} (STORNI, 1999, p. 109)
 Primeiro poema do segundo livro *El Dulce daño* - 1918

PRODUÇÃO E CRÍTICA LITERÁRIA: UMA ESCRITORA EM CONSTRUÇÃO

Segundo a Crítica Literária, a primeira produção literária de Alfonsina Storni, chamada modernista ou *tardorromántica*^x (SARLO, 1988), é a produzida no período de 1916 a 1925; a partir de *Ocre*, 1926, ela marca uma ruptura, confirmada em seus últimos dois livros de poesia, *Mundo de siete pozos* (1935) e *Mascarilla y Trébol* (1938), com marcas de vanguardismo e novas experiências estéticas, como o antisoneto.

A poesia de Alfonsina Storni também será marco de referência de um corpo e uma voz feminina que, além de conquistar massivamente um grande público, segundo Beatriz Sarlo (1988), e criar certas desconfianças por parte de seus pares literatos, pode ser considerada, principalmente, como a afirmação de uma escritora feminina em um contexto histórico cultural, hispano-americano e internacional, no sentido de construir certa regularidade discursiva em sua variedade de produção literária.

Com relação à crítica literária feita sobre a obra de Alfonsina Storni pelos seus contemporâneos, temos três posturas de leitura:

1ª. – aproximações críticas e biográficas, como as de Roberto Giusti, Luis Maria Jordán, Arturo Capdevilla, Manuel Gálvez, entre outros, ligados à emergente crítica literária da revista *Nosotros*, os quais autorizam a voz feminina antes desqualificada e legitimam a presença da mulher no âmbito da escrita literária;

2ª. – propostas de leituras dos críticos e poetas vinculados à Vanguarda Argentina, críticas em geral negativas, como as de Jorge Luis Borges, Córdoba Iturburu e Eduardo González Lanuza, que, apesar de não negarem a interpretação biográfica, põem ênfase nas diferenças estéticas, interpretando a escritura da poeta como um “epigonismo modernista” que rejeitam (SALOMONE, 2006, p.60). Além disso, consideram a poesia de Storni de mal gosto (SARLO, 1988), expressando, assim, certo preconceito de classe, etnia e gênero-sexual (características de grande parcela da vanguarda argentina);

3ª. – certos textos críticos realizados por mulheres junto ao meio acadêmico, como os de Graciela Peyró de Martínez Ferrer e de Maria Teresa Orozco, e na crítica pública, que circula em jornais, revistas e publicações culturais, como as de María Luz Morales e Gabriela Mistral. Estas últimas iluminam certa leitura possível, não apresentada pelos outros críticos: enunciação de um sujeito outro nos textos de Alfonsina; outra instância para instaurar a relação entre a escritura e a biografia da poeta; e, os modos de valorização estética que fundamentam estas críticas.

De acordo com Salomone (2006, p.65), a crítica realizada pela terceira tendência marca outro ponto de referência constitutiva da escritura de Alfonsina Storni. Mesmo que estas leituras não sejam consideradas um “contradiscurso”, “*evidenciam tensiones y*

posicionamientos que se distanciam de la crítica hegemônica, constituyendo un antecedente genealógico de ciertas interpretaciones de la crítica feminista actual^{xi}.

María Luz Morales considera a dimensão modernista de sujeito na poesia de Alfonsina, a qual discursivamente coloca-se como observadora da cidade e de suas dinâmicas: “*Con ironia o sin ella, Alfonsina Storni, mujer esencialmente moderna, siente la ciudad, ama la ciudad, canta la ciudad*”^{xii}. Por sua vez, a leitura de Gabriela Mistral apresenta a poeta a partir de uma série de características que destacam os jogos de sua inteligência, seu conhecimento de mundo, sua afetividade pouco sentimental, verbalizada em: “*mujer de gran ciudad que ha pasado tocándolo todo e incorporándose*”^{xiii}. (SALOMONE, 2006, p. 66).

Já Graciela Peyró de Martinez Ferrer e María Teresa Orozco destacam uma outra dimensão biográfica e sua relação com a escritura de Storni, desconstruindo a leitura melodramática da crítica consagrada. Por exemplo, na ocasião da morte da poeta, tanto Peyró como Orozco, em suas críticas, ou não mencionam o fato, não estabelecendo relações de causalidade com relação à escritura (Peyró), ou mencionam sobriamente o ocorrido, apontando para a racionalidade da decisão da poeta, por meio de testemunhos (Orozco). Com relação à obra de Alfonsina, Peyró resgata o percurso poético da escritora, que, se por um lado, apresenta o discurso de uma mulher com amplo conhecimento de mundo e consciente da condição de subordinação das mulheres, ou seja, mais ou menos estereotipado, por outro, será justamente frente a esta condição que a poeta evocará seu discurso (ou contradiscurso). Deste modo, a escritura de Alfonsina põe em jogo uma *subjetividad femenina múltiple*^{xiv}, com a presença de *vivencias transubjetivas, que consiguen hacerse palabra y gesto*^{xv}, dando voz a um discurso silenciado historicamente.

Importante resgatar as considerações que a crítica veiculada na revista *Nosotros* apresenta sobre a produção de mulheres escritoras. Inicialmente, a escritura de mulheres é vista como consequência de uma nova sociabilidade, advinda da modernidade, tratando esta produção como um produto, um trabalho de aprendizes, sem vínculo com as transformações sociais de que os sujeitos-mulheres ativamente participavam e discursivamente representavam em sua escritura.

A posteriori, há a configuração de uma literatura feminina, junto a uma crítica normativa, que considera esta escritura como produzida por um sujeito biológico mulher, e que representa uma textualidade com certas características naturalizadas como próprias à mulher, como: emoção, sentimentalismo, ocultamento do próprio eu, alienação frente ao mundo exterior, transparência entre a experiência e a escritura, carência de elaborações ideológicas e de criação de linguagens, dificuldade para articular um discurso propositivo e racional. Assim, de certa maneira, há certa patologização do discurso feminino realizado por mulheres, principalmente se a linguagem é opaca ou inapreensível, sendo relacionada com a histeria, epilepsia, nervos, enfim, com um conjunto de sintomas psicofísicos associados à forma e fisiologia genital da mulher, de acordo com os ditames veiculados ideologicamente pela medicina da época.

Sabemos hoje, à luz da Crítica Feminista e das contribuições da Análise de Discurso, principalmente sobre os conceitos e as articulações entre linguagem e poder, que esta leitura ingênua sobre a produção feminina, constituída por textos de escritoras mulheres desde meados do século XIX, ou mesmo desde antes, é fruto de uma perspectiva ideológica tipicamente androcêntrica e patriarcal, para perpetuar no poder uma hegemonia formada por um discurso tido como masculino, o qual esvazia o discurso feminino/feminista. Assim, os estudos literários hoje veiculam este tipo de crítica e de posicionamento, há muito iluminado pela crítica discursivo-feminista.

A partir dos anos 50 e 60 do século XX, a obra de Alfonsina despertará interesse fora da Argentina, especialmente nos Estados Unidos. Graças às críticas mais analíticas, que irão priorizar o estudo dos textos e abandonar a leitura biográfica, dentro de um enfoque estilístico e do *New Criticism*, novas críticas serão tecidas, com certa orientação fenomenológica.

Na trajetória sobre a recepção da obra literária de Alfonsina Storni, Jaime Martinez Tolentino (1997) apresenta uma resenha de alguns artigos sobre a obra de Alfonsina Storni, de 1945 até 1980. Dentre eles, podemos citar:

- Sidonia Carmen Rosenbaum (1945): revela o perfil urbano na obra de Storni, considerando-a como a poeta feminina argentina que resgatou a poesia escrita por mulheres, da condição de subliteratura;

- Gabriele Munk Benton (1950): situa-a em uma perspectiva cosmopolita, modernista e universal, argumentando que o uso do “eu” em seus textos marcam uma dimensão mais universalista; considera que a poesia para Storni é a única possibilidade de tolerar a vida em um mundo hostil e frio;

- Edna Lue Furnes (1957): discute o binarismo feminino/masculino apresentado pela poeta, ao lado de outras escritoras hispano-americanas, numa perspectiva feminista e existencialista; Furnes afirma que o segredo de Storni é a consciência sobre o materialismo e a desumanização do mundo contemporâneo;

- Helena Percas (1958): contextualiza a poeta dentro da discursividade feminina da “geração feminina de 16”, estudando histórica e socialmente o desenvolvimento da poesia de mulheres na América Hispânica; para ela, Alfonsina funda com grande habilidade duas heranças aparentemente incompatíveis: a sensibilidade modernista, metafórica, e o espírito rebelde de uma mulher moderna e participativa em seu país;

- Janice Geasler Titiev (1976, 1980 e 1985): um dos primeiros estudos sistemáticos sobre a dimensão formal da poesia de Storni, expõe as relações intertextuais das inovações formais dos dois últimos livros de poemas. Com a experimentação linguística que a poeta havia iniciado em *Ocre* (1925) e com seu texto em prosa poética *Poemas de amor* (1926), irá concluir Geasler Titiev que, o que Storni muda é o lugar de posicionamento da “falante”/enunciador, que não é mais o de um sujeito que é observada pelo olhar do outro, mas sim, o de uma mulher que se converte em observadora, como anos mais tarde afirmaria Gwen Kirkpatrick (2005).

Por outro lado, o próprio Martinez Tolentino (1997, p. 05-06) considera que o livro *Poemas de Amor* (1926) tem um tom reflexivo e terno, no qual a autora mostra-se como uma *chiquilina*^{xvi} que descobre o amor pela primeira vez, ou como uma mulher convencional submetida aos gostos do amado.

Escrito totalmente en prosa, empleando el lenguaje más sencillo posible, comparaciones comunes y corrientes, y ninguna técnica literaria sofisticada, el libro, compuesto de poemas extremadamente cortos, tiernos e íntimos, fue concebido como una especie de reacción contra la poesía complicada y un intento por escribir para las masas, quienes gustaron tanto del mismo que muy poco se agotaron tres ediciones.^{xvii}

Entretanto, o livro não é bem recebido pela crítica, mesmo tendo sido o predileto de Storni até 1931. E sua recepção posterior é também fria, inclusive ele chega a ser excluído das listas da sua obra, até a publicação de *Obras Completas*, por Losadas, em 1999.

Segundo Alicia Salomone (2006), a partir dos anos 80 do século passado, o olhar sobre a produção literária de escritoras latino-americanas terá outro enfoque, o que ela denomina “*crítica actual: crítica feminista y modernidad cultural*”^{xviii} (p.81). Assim, escritoras como Gabriela Mistral, Delmira Agustini, Maria Luisa Bombal, Victoria Ocampo, Teresa de la Parra, Dulce María Loynaz, entre outras, receberão uma outra crítica, uma releitura sob a perspectiva Crítica Feminista em relação à literatura.

Neste sentido, as análises sobre a obra de Storni

[...] exploran cómo la figura y la obra de Storni se inserta en un contexto de modernidad cultural emergente que posibilita a las mujeres instalar y legitimar discursos en un campo intelectual que, hasta entonces, les negaba reconocimiento en tanto sujetos intelectuales autónomos^{xix}. (SALOMONE, 2006, p. 81)

Assim, Salomone (2006) resenha um conjunto de críticas realizadas, dentro deste enfoque, sobre o texto de Alfonsina Storni, nos Estados Unidos, dentre os quais encontramos:

- Gwen Kirkpatrick (1989, 1990 e 1995): centraliza sua análise nos últimos livros de poesia e na poesia inédita de Storni, no artigo de 1989, observando a independência do sujeito no seu discurso, ao se instalar com um olhar observador, lateral e lúcido; no segundo artigo, de 1990, faz uma releitura contextual dos textos de Storni, na qual vai integrar a análise dos textos da poeta com a recepção crítica de sua obra, com sua biografia e a história das mulheres na Argentina de início do século XX; em 1995, no terceiro artigo, analisará as crônicas de Storni (Tao Lao), indagando as características enunciativas na construção de um *yo* (eu) formado pelo cruzamento de um olhar vagabundo e um *yo confesional*, próximo ao eu-lírico dos primeiros poemas; Kirkpatrick vincula, pela primeira vez, a escritura de Storni com os códigos da cultura de massas;

- Francine Masiello (1997): visualiza a escritura de Storni como uma reflexão sobre a construção da subjetividade feminina em sua relação com a linguagem; concebe, assim, a linguagem a partir da perspectiva feminista, revelando uma tensão entre o símbolo e a experiência, entre o texto e as interpretações, entre os signos das diferenças e da igualdade;

neste sentido, o corpo para Storni é como um topos em sua escritura, o qual possibilita à poeta reformular a relação entre palavras e referentes, como um receptáculo de palavras das vozes do Outro por meio das mulheres;

- Martha Morello-Frosch (1987): com enfoque feminista, integra a psicanálise lacaniana e a desconstrução. (SALOMONE, 2006, p. 86).

Na Argentina, entretanto, o enfoque será sobre as relações, no processo de modernidade cultural, entre a sociedade argentina dos anos 1920 e 1930, e a produção literária de Alfonsina Storni, ainda dentro da perspectiva teórica e crítica feminista. Dentre as estudiosas argentinas, retomamos Beatriz Sarlo, Delfina Muschietti e Tamara Kamenzsain.

- Beatriz Sarlo (1988): em um estudo mais amplo sobre a modernidade periférica de Buenos Aires, resgata também Victoria Ocampo e Norah Lange; especificamente sobre Storni, centraliza-se nas rupturas ideológicas provocadas por sua poesia e a considera construtora de um lugar próprio na literatura, graças a seu tom sentimental e erótico, à relação de não submissão ou queixa ao homem, mas sim, de reivindicação da diferença;

- Delfina Muschietti (1990 e 1999): instala a poesia de Storni dentro das produções culturais de 1916 a 1930; diferenciando-se de Sarlo, Muschietti analisa a produção jornalística e as relações entre a poesia e a prosa de Storni; de modo geral, afirma Muschietti que há, na escritura da poeta, uma confrontação discursiva entre um discurso rebelde, hegemônico, presente nos textos jornalísticos, e um discurso submisso, dominante na poesia de Storni; o contradiscurso presente na poesia de Storni justifica-se graças às estratégias de um discurso jornalístico instaurado; neste sentido, a poesia desta poeta é vista como um “*discurso travesti*”^{xx}:

[...] como una bivalidad desconcertante, donde tras la voz oficial, disciplinada, puede emerger una palabra disonante: el chillido, como dijo en su momento Borges, o la voz varonil, en la versión de José María Jordán.^{xxi} (SALOMONE, 2006, p. 92)

- Tamara Kamenzsain (2000): em um enfoque intertextual, sugerido por Muschietti, Kamenzsain retoma as relações entre a poesia e o jornalismo de Storni, e revisa as inovações poéticas de Mascarilla y trébol, último livro de poesia da poeta, no qual confluem poesia e prosa; além disso, cruza algumas crônicas de Storni com as de Gironde,

idéia também sugerida anteriormente por Muschiatti, e conclui que os dois escritores compartilham a mesma sensibilidade poética, ainda que provenientes de círculos literários antagônicos em sua época.

Incluímos nesta lista a análise de Alicia Samolone, de 2006, livro dedicado à obra de Storni, sob a perspectiva feminista, modernista e de cultura de massas.

- Alicia Salomone (2006): dentro do contexto social da produção de uma modernidade cultural, analisa a produção literária de Alfonsina Storni como releitura de um sujeito feminino imbuída de uma visão crítica de seu contexto e um posicionamento particular sobre sexo-gênero; uma escritura, portanto, que, mesmo dentro do discurso amoroso, é heterogênea.

A nossa focalização analítica da produção literária de Alfonsina Storni em trabalhos já realizados não difere da releitura das últimas estudiosas latino-americanas; ao contrário, retomamos a questão da constituição da subjetividade feminina, no sentido de uma construção identitária feminina e feminista por meio das estratégias discursivas presentes nos poemas em prosa de *Poemas de amor*. Esse livro, que até o momento foi renegado pela crítica literária, a nosso ver, juntamente com *Ocre*, 1925, marca o início e a ruptura de um pensar/ver/poetizar o mundo a partir da perspectiva de um sujeito mulher que se vê “pensar” e “sentir” o mundo pela consciência de si e do mundo que a cerca. Ainda que estas características já estejam, de certa maneira, esboçadas desde os primeiros poemas, nessas duas obras, elas serão enfatizadas e postas em relevo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JORDÁN, Luis María. Alfonsina Storni. *Revista Nosotros* – Revista Mensual de Letras, Arte, Historia, Filosofía y Ciencias Sociales, Año XIII, Tomo XXXII, 1919.

KAMENSZAIN, Tamara. *Historias de amor* (y otros ensayos sobre poesía). Buenos Aires: Paidós, 2000.

KIRKPATRICK, Gwen. *Disonancias del Modernismo*. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2005.

MARTÍNEZ TOLENTINO, Jaime. *La crítica literaria sobre Alfonsina Storni* (1945-1980). Kassel, Reichenberger, 1997. Disponível em:

http://books.google.com.ar/books?id=qq2ArWrI5bcC&pg=PA1&dq=critica+literario+de+alfonsina+storni&source=gbs_toc_s&cad=1&sig=r_92ITumcdhtzoHm2W-YNZvy88k#PPP1,M1. Acesso: 08/01/2009.

MASIELLO, Francine *Entre civilización y barbarie*. Mujeres, Nación y Cultura literaria en la Argentina moderna. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 1997.

MÉNDEZ, Claudia Edith “Alfonsina Storni: análisis y contextualización del estilo impresionista en sus crónicas.”. Tese de Doutorado em Filosofia pela Faculty of the Graduate School of the University of Maryland at College Park (2004). Disponível em:

<http://www.lib.umd.edu/drum/bitstream/1903/1706/1/umi-umd-1659.pdf>. Acesso: 21/06/2008

MUSCHIETTI, Delfina “Prólogo”, In: STORNI, A. *Alfonsina Storni*. Buenos Aires: Losada, 1999.

_____ “Mujeres: feminismo y literatura”, In: VIÑAS, David (Dir.) *Historia Social de la Literatura Argentina*. Yrigoyen entre Borges y Arlt (1916-1930). Tomo VII, Buenos Aires: Contrapunto, 1989, p. 131-156.

_____ “La producción de sentido en el discurso poético” In: *Revista Cuadernos Hispanoamericanos* – no.527, Madrid: Gráficas, 1994.

SALOMONE, Alicia N. *Alfonsina Storni*. Mujeres, modernidad y literatura. Buenos Aires: Corregidor, 2006.

_____ “Voces femeninas/femenistas en el discurso intelectual: Alfonsina Storni y Victoria Ocampo”. In: Paper presented at the 1998 meeting of the Latin American Studies Association (LASA). Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Salomone.pdf>. Acesso: 21/06/2008.

_____ y LUONGO, Gilda “Crítica literária y discurso social: feminidad y escritura de mujeres” In: Íconos. *Revista de Ciencias Sociales*. Num. 28. Quito, mayo, 2007, pp.59-70. Disponível em: <http://www.flacso.org.ec/docs/i28luongo.pdf>. Acesso: 20/06/2008.

SARLO, Beatriz “Alfonsina: reconstrucción de una lucha”, In: STORNI, A. *Poemas de amor*. Bellinzona: Edizioni Casagrande, 1988.

_____ *Escritos sobre Literatura Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

_____ *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.

_____ “Mulheres, História e Ideologia”, In SARLO, B. *Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de educação*. Trad. Rubia P. Goldoni. São Paulo: EDUSP, 2005 (Ensaio Latino-americanos 2).

STORNI, Alfonsina. *Alfonsina Storni*. Obras Poesía. Tomo I. Buenos Aires: Losada, 1999.

_____ *Alfonsina Storni*. Obras Prosa. Narraciones. Periodismo. Ensayo. Teatro. TomoII. Buenos Aires: Losada, 1999.

Notas

ⁱ Pobre de mim que terei que ver/ Mil sóis mais amanhecer/ E para quê? E para quê?/ Se morrerei. (STORNI, 1999, 133.) – Traduções da autora.

ⁱⁱ Professora de interior

ⁱⁱⁱ Encontros literários

^{iv} [...] irá definido uma serie de afinidades e certas tomadas de decisão sobre posição literárias e estéticas com as que se identifica sucessivamente; as que têm a ver, por um lado, com as opções que oferece um campo literário que transita desde o modernismo e pós-modernismo às vanguardas, e, por outro lado, com uma certa

política de escritura que ela adota, na que o posicionamento crítico da falante frente ao contexto sócio-cultural em que se inscreve seu discurso revela-se crucial

^v [...] aos 12, escrevo meu primeiro verso.

^{vi} Em ordem cronológica: Storni, A. *La inquietud del rosal* (Buenos Aires: La Facultad, 1916), *El dulce daño* (Buenos Aires: Sociedad Cooperativa Editorial Limitada, 1918), *Irremediablemente* (Buenos Aires: Sociedad Cooperativa Editorial Limitada, 1919), *Languidez* (Buenos Aires, Sociedad Cooperativa Limitada, 1920), *Ocre* (Buenos Aires: Babel, 1925), *Mundo de siete pozos* (Buenos Aires: Tor, 1935) e *Mascarilla y trébol* (Buenos Aires: Imprenta Mercatali, 1938).

^{vii} Storni, A. *Poemas de amor*. Buenos Aires: Porter, 1926. Poema em prosa que conta uma história de amor a partir da perspectiva da subjetividade feminina. Livro ignorado pelo público, pela crítica e muito pouco estudado. Segundo Claudia Edith Mendez, em sua tese de doutorado, *Alfonsina Storni: análisis y contextualización del estilo impresionista en sus crónicas*, apresentada na University of Maryland, 2004, p. 17, neste livro aparece o estilo impressionista da escritora.

^{viii} Poeta dos tristes destinos.

^{ix} Assim

Fiz o livro assim/ Gemendo, chorando, sonhando, aí de mim. (STORNI, 1999, p. 109)

Primeiro poema do segundo livro de *El dulce daño* – 1918.

^x Romantismo tardio.

^{xi} [...] evidenciam tensões e posicionamentos que se distanciam da crítica hegemônica, constituindo um antecedente genealógico de certas interpretações da crítica feminista atual.

^{xii} Com ironia ou sem ela, Alfonsina Storni, mulher essencialmente moderna, senta a cidade, ama a cidade, canta a cidade.

^{xiii} [...] mulher de grande cidade que passou tocando tudo e incorporando-a. (Salomone, 2006, p.66)

^{xiv} Formas múltiplas: subjetividades múltiplas, segundo Salomone (2006, p.67).

^{xv} [...] vivências trans-subjetivas, que conseguem se fazer palavra e gesto.

^{xvi} Garotinha.

^{xvii} Escrito totalmente em prosa, empregando a linguagem mais simples possível, comparações comuns e correntes, e nenhuma técnica literária sofisticada, o livro, composto de poemas extremamente curtos, ternos e íntimos, foi concebido como uma espécie de reação contra a poesia complicada e uma tentativa de escrever para as massas, quem apreciaram tanto que em muito pouco tempo se esgotaram três edições.

^{xviii} [...] crítica atual, crítica feminista e modernidade cultural.

^{xix} [...] exploram como a figura e a obra de Storni se insere em um contexto de modernidade cultural emergente que possibilita às mulheres instalar e legitimar discursos em um campo intelectual que, até então, lhes negava reconhecimento enquanto sujeitos intelectuais autônomos. (SALOMONE, 2006, p. 81)

^{xx} [...] discurso travesti.

^{xxi} [...] como uma bivocalidade desconcertante, que traz a voz oficial, disciplinada, pode emergir uma palavra dissonante: o berro, como disse em seu momento Borges, ou a voz varonil, na versão de José María Jordán. (SALOMONE, 2006, p. 92)

Recebido em: 19/03/2012

Aceito em: 15/04/2012